

REVISTA DE ARQUEOLOGIA

Volume 37 No. 1 Janeiro - Abril 2024

DOSSIÊ

RETALHOS AFETIVOS DE TECIDOS COLETIVOS: VIVÊNCIAS DECOLONIAIS NAS COMUNIDADES DE SÃO BRAZ DO PIAUÍ

Géssika Sousa Macêdo*

RESUMO

O presente trabalho apresenta o resumo da dissertação de mestrado *Retalhos afetivos de tecidos coletivos: vivências decoloniais nas comunidades de São Braz do Piauí*, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Arqueologia da Universidade Federal do Vale do São Francisco (PPArque-Univasf). Os objetivos aqui perseguidos refletem criticamente sobre os patrimônios arqueológicos de São Braz do Piauí a partir de abordagens de arqueologias públicas, colaborativas e leituras decoloniais, considerando sua inserção no presente e suas possibilidades de associação. Desse modo, a arqueologia aqui é entendida como uma forma de ver e interpretar o mundo, a qual é um lugar de conflitos e de compartilhamento de saberes, sendo expressão de diferentes interesses.

Palavras-chave: arqueologias afetivas e decoloniais; arqueologia pública; São Braz do Piauí.

* Doutoranda em Arqueologia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), com bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Mestra em Arqueologia e graduada em Arqueologia e Preservação Patrimonial pela Universidade Federal do Vale do São Francisco (Univasf). E-mail: macedo.arqueo@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-5242-4347>.

AFFECTIVE PATCHWORK OF COLLECTIVE FABRICS: DECOLONIAL EXPERIENCES IN THE COMMUNITIES OF SÃO BRAZ DO PIAUÍ, BRAZIL

ABSTRACT

This work presents a summary of the master's thesis entitled *Affective Patchwork of Collective Fabrics: Decolonial Experiences in the Communities of São Braz do Piauí*, developed under the Graduate Program in Archaeology at the Federal University of the São Francisco Valley (PPArque-Univasf). The objectives pursued here critically reflect on the archaeological heritage of São Braz do Piauí (Brazil) based on public, collaborative archaeology approaches and decolonial readings, considering its insertion in the present and its possibilities for association. Thus, archaeology is understood here as a way of seeing and interpreting the world, a place of conflict and knowledge sharing, as an expression of different interests.

Keywords: affective archaeologies and decoloniality; public archaeology; São Braz do Piauí.

RETAZOS AFECTIVOS DE TEJIDOS COLECTIVOS: EXPERIENCIAS DECOLONIALES EN LAS COMUNIDADES DE SÃO BRAZ DO PIAUÍ, BRASIL

RESUMEN

Este trabajo presenta una síntesis de la tesis de maestría *Retazos Afectivos de Tejidos Colectivos: Experiencias Decoloniales en las Comunidades de São Braz do Piauí*, desarrollada en el marco del Programa de Posgrado en Arqueología de la Universidad Federal del Valle de São Francisco (PPArque-Univasf). Los objetivos perseguidos buscan reflexionar críticamente sobre el patrimonio arqueológico de São Braz do Piauí (Brasil) a partir de enfoques arqueológicos públicos y colaborativos y de lecturas decoloniales, considerando su inserción en el presente y sus posibilidades de asociación. De este modo, la arqueología se entiende aquí como una forma de ver e interpretar el mundo, un lugar de conflictos y de intercambio de conocimientos, y una expresión de diferentes intereses.

Palabras clave: arqueologías afectivas y decoloniales; arqueología pública; São Braz do Piauí.

INTRODUÇÃO

O presente resumo tem como intuito apresentar a dissertação desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Arqueologia da Universidade Federal do Vale do São Francisco (PPArque-Univasf), defendida em 2021. Assim, o foco será registrar meus trânsitos pela comunidade e apresentar os contextos envolvidos no desenvolvimento de uma Arqueologia Pública em São Braz do Piauí. Dentro desse processo, considero a constituição de uma arqueologia afetiva (Mageste; Amaral, 2022) e decolonial, visto que a comunidade é também o lugar onde nasci e vivi por grande parte da minha vida e que, notoriamente, compartilho muitas das memórias apresentadas pelas moradoras e moradores.

São Braz do Piauí é um município com aproximadamente 55,76 km² e cerca de 4.444 habitantes, localizado no sudeste/sudoeste do Piauí. Atualmente integra uma área de preservação ambiental denominada Corredor Ecológico, entre os parques nacionais Serra da Capivara e Serra das Confusões. Para quem mora em São Braz do Piauí é comum encontrar potes ou urnas funerárias nos quintais e vias públicas da cidade. Esses achados têm chamado a atenção de pesquisadoras(es) desde o início da década de 1970 (Guidon; Buco; Ignácio, 2009). Assim, as notícias da presença de arqueólogas na região instigaram a curiosidade da população, levando-os a buscar o auxílio das pesquisadoras nas ocasiões dos achados. Posteriormente foram realizadas escavações na rua principal da sede do município, dessa maneira, o local foi registrado como Sítio São Braz em 1974.

Tive a oportunidade de acompanhar mais de perto as escavações que ocorreram por volta de 2016 e 2017, época em que eu já me especializava em arqueologia. Foi a partir daí que questionamentos a respeito das urnas e das histórias sobre “os povos antigos”, que as moradoras e os moradores tinham para contar, impulsionaram a constituição do projeto *Mapeamento arqueológico de São Braz do Piauí: ciência, tradição e público*, desenvolvido no Laboratório de Preservação Patrimonial (LAPA-Univasf) (Mageste *et al.*, 2020).

As perspectivas trabalhadas no âmbito do LAPA e nessa dissertação buscaram ressaltar o sítio São Braz como um espaço de vivência, onde as coisas arqueológicas interagem com o cotidiano. Certamente, conforme Jeanne Favret-Saada (2005), afetei e fui afetada por muitos dos movimentos e assuntos levantados nas entrevistas e nas ações desenvolvidas nas escolas e nas praças públicas. Em síntese, trago aqui um recorte do que foi o exercício de escuta, diálogo e construção da escrita dessa dissertação. Dito isso, ressalto que o trabalho foi estruturado com base na metáfora da confecção de tapetes de retalhos (Figura 1), entendido como meio de formulação de ideias e articulação de conhecimentos. A associação ocorreu enquanto observava minha mãe dobrando e costurando os tecidos cuidadosamente, ao mesmo tempo em que eu também escolhia citações dos meus referenciais teóricos-metodológicos e passagens das moradoras e moradores para construir os capítulos sobre as vivências de arqueologias decoloniais em São Braz do Piauí.

Conforme Patrícia Hill Collins (2018, p. 156), na produção de *quilts*¹ “as mulheres negras artesãs costuram cores e padrões marcantes lado a lado, tomando as diferenças individuais não como algo depreciativo, mas como algo que enriquece a colcha como um todo”. Os tapetes de retalhos representam, dessa forma, o jeito de me expressar

¹ Termo inglês para designar uma técnica artesanal de origem africana de produção de colchas a partir da união de pedaços de tecidos.

coletivamente, direcionada a confrontar violências epistêmicas e silenciamentos que atravessam os diferentes saberes identificados na comunidade.

Figura 1. Tapete de retalhos



Fonte: Acervo Géssika Sousa Macêdo, 2021.

A dissertação foi dividida em três atos. O “Ato I” estabelece um campo de abordagens críticas ao colonialismo aplicado às arqueologias públicas e colaborativas. Para mim, enquanto ser que transita entre os dois mundos, a comunidade e a academia, foi necessário interligar métodos que abarcassem os meus trânsitos por São Braz do Piauí e as associações entre coisas e narrativas. Assim, foi possível a realização de uma etnografia arqueológica associada às minhas *escrevivências* (Evaristo, 2009; Hamilakis, 2011). Tais premissas estavam alinhadas à pesquisa-ação, desenvolvida como forma de coletar dados e dialogar com as moradoras e os moradores e instituições administrativas e educativas da comunidade (Peruzzo, 2016).

No “Ato II”, com o objetivo de contextualizar o município, realizei o levantamento etno-histórico, histórico e arqueológico da região, ressaltando frestas de resistência e articulações de saberes indígenas e africanos em contextos coloniais. Por fim, o “Ato III” reúne registros de cantigas e narrativas orais sobre os significados atribuídos às “coisas dos povos antigos” de São Braz do Piauí, que vão muito além dos discursos oficiais de extermínio e da pouca atenção dada às vivências de pessoas indígenas, negras e quilombolas no passado recente.

TEORIAS E FERRAMENTAS DE CORTES E COSTURAS EPISTEMOLÓGICAS

Cheguei à teoria porque estava machucada — a dor dentro de mim era tão intensa que eu não conseguiria continuar vivendo. Cheguei à teoria desesperada, querendo compreender — aprender o que estava acontecendo ao redor e dentro de mim. Mais importante, queria fazer a dor ir embora. Vi na teoria, na época, um local de cura.

bell hooks, *Ensinando a transgredir* (2013)

Neste espaço, gostaria de chamar a atenção para um lugar comum para pessoas racializadas, que, assim como eu, adentram as universidades e se dispõem a travar uma luta contra aquilo que nos reprime e desumaniza. Longe de ser uma luta fácil, o caminho

da teoria, vista como um lugar para transgredir e até mesmo curar — como indica bell hooks —, se mostrou favorável nessa empreitada.

É com esse sentido que os tapetes de retalhos tomam formas, reunindo diferentes campos de conhecimento além da arqueologia, a fim de tecer críticas ao colonialismo e elaborar outras formas de expressão nas quais “possamos todas/todes nos encontrar na condição humana” (Kilomba, 2019, p. 21). São epistemologias próximas da Arqueotextura experimentada por Luciana Novaes (2018) e da Arqueopoesia de Lara de Paula Passos (2019). Em síntese, esses foram os pontos para delinear as relações entre a construção de conhecimentos, institucionalização de patrimônios, arqueologia e a extensão da colonialidade nesse meio (Hartemann; Moraes, 2018).

Nesse desafio, entendi que conhecimento é poder e que, para sair do lugar de subalternos silenciados e invisíveis, uma opção é apropriar-se de categorias colonialistas, reivindicando o direito à voz, como propôs Gayatri Spivak (2010). De fato, não escapamos das violências epistêmicas e colonialidades na produção de conhecimentos, principalmente considerando que a colonialidade do poder é baseada na diferença racial, de classe e de gênero como ferramenta de classificação universal e dominação social (Lugones, 2008).

A arqueologia é aqui entendida como uma importante ferramenta de produção de conhecimentos que sustentam os patrimônios, logo os alinhamentos foram direcionados para as abordagens pensadas desde o Sul global, principalmente nas diferenças entre as concepções formuladas para e pelos públicos colonizadores e colonizados (Sarleno, 2012). Nesse sentido, foram de suma importância as leituras sociopolíticas de Lélia Gonzalez (1988) e de Antônio Bispo dos Santos (2015) a respeito da constituição social brasileira, expressas em termos como amefricanidade² e afro-pindorâmicas. Além das especificidades de formulação do pensamento de cada um, o intuito foi considerar uma realidade em que as trajetórias de povos indígenas e africanos fossem ressaltadas e percebidas nas interpretações contextuais.

Esse caminho direcionou a pesquisa para o aprofundamento de questões relacionadas às associações entre indígenas e *cabocos*, visando identificar as construções regionais dos termos e suas ressonâncias no patrimônio arqueológico. Da mesma forma, circular entre diferentes instâncias da comunidade, a fim de dialogar sobre essas problemáticas, me levaram a identificar nas minhas vivências aspectos em que esses discursos foram incorporados no ensino escolar e nas representações cotidianas.

VERMELHO SANGUE: OS RASGOS DE RESISTÊNCIA NOS TECIDOS DA COLONIALIDADE

Os movimentos de corte e costura ficam ainda mais evidentes nas leituras sobre os contextos coloniais do Piauí. Busquei refletir sobre as trajetórias das populações existentes no território denominado Sertões das Pimenteiras, com foco na contextualização etno-histórica, histórica e arqueológica, ressaltando frestas de resistência e articulações de saberes indígenas e africanos em contextos coloniais do sudeste sudoeste do Piauí (Oliveira, 2007).

² Amefricanidade ou América Ladina é um termo formulado por Lélia Gonzalez (1988), que carrega em sua grafia a influência linguística do pretoguês e destaca as contribuições culturais e intelectuais de mulheres afro-indígenas. Nesse mesmo sentido, a expressão afro-pindorâmicas, concebida por Antônio Bispo dos Santos (2015), reforça a conexão entre povos quilombolas e seus territórios.

Assim cheguei à encruzilhada que me esperava: de um lado estão discursos sobre populações indígenas muito antigas, que deixaram muitos registros nessa região, desde enterramentos, instrumentos líticos, vasilhas cerâmicas, até outras materialidades evidenciadas pela arqueologia. De outro, estão os esforços para efetivação da colonização nos currais do sertão do Piauí, que propagam o extermínio total dos povos originários dessas terras. Consta ainda a formação sociocultural entre os séculos XVIII e XIX, especificamente com a presença de povos Africanos trazidos forçadamente para as fazendas da região, evidentemente carregadas de um silêncio ensurdecedor.

Diante disso, a tarefa de fazer esta pesquisa me despertou muitos incômodos. Um deles foi me perceber distante das narrativas oficiais sobre povos indígenas antigos da região e, ao mesmo tempo, próxima fisicamente. Essa distância se deve ao fato de que boa parte das narrativas oficiais estão configuradas para uma materialidade congelada no tempo da “pré-história” ou do extermínio da colonização. Ou, ainda, quando são insistentemente reduzidas a contextos de escravidão, sem considerar suas lutas e meios de resistência dentro da estrutura. Há ainda a reprodução de estigmas dos discursos racistas que denominam essas populações como “bárbaros” e “selvagens”.

Considerando uma corporeidade (particular e coletiva) marcada historicamente pelos fios da colonialidade, a leitura dos contextos foi direcionada para privilegiar relatos sobre povos indígenas recentes, refugiados nas matas e em constante contato com os vilarejos e fazendas que se formaram por essas bandas, como indicam as narrativas da comunidade, bem como a constituição regional do termo *caboco*, registrada tanto nas histórias sobre “os povos antigos” quanto em celebrações de religiões cristãs e de matriz africana, entendidas aqui como afro-pindorâmicas ou amefricanas.

COSTURANDO RETALHOS AFETIVOS

Pensar em patrimônio arqueológico em São Braz do Piauí, lugar em que a “lida” com a terra faz parte da memória da maioria dos moradores da comunidade, é também considerar como essas relações conformam os significados atribuídos às materialidades que emergem dos quintais e espaços públicos. Os artefatos encontrados pelas(os) moradoras(es) em espaços privados dizem sobre algo que é também coletivo, seja no sentido de demandarem a custódia institucional para sua preservação e conservação, ou ainda de entidades situadas em outros planos de existência, como os encantados, os caboclos e as *livusias*³ que permeiam as narrativas que atribuem às urnas funerárias. A terra, nessa questão, entendida como sinônimo de propriedade e família, é ameaçada. Desse modo, o patrimônio, considerado “bem de valor da nação” representa também um perigo para aqueles que são surpreendidos pela sua presença em uma eventual intervenção no solo.

Com o tempo percebi que a imersão em contextos familiares por meio das coisas arqueológicas me levou a lugares aonde eu jamais imaginaria ir. O desenrolar das ações desenvolvidas com a comunidade se deu por meio de exposições, oficinas e entrevistas, envolvendo, assim, prospecções em lugares indicados e guiados pela comunidade. Em parte dos encontros estive com a equipe do LAPA e do Escritório Técnico do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em São Raimundo Nonato. Em outros momentos estive sozinha, em função de outras instâncias, como lazer e em

³ Termo local atribuído a manifestações de seres do mundo oculto, histórias performadas por humanos e outros seres (Santos, F., 2019).

circulação pelo comércio local. Sendo assim, “não é impossível enxergar o caminho que as coisas se levam até mim. Menos ainda, o que me leva até elas” (Passos, 2019).

As coisas arqueológicas podem despertar contextos envolvidos com diferentes dimensões de tempo e espaço. Entre estes, é possível pontuar desde aqueles povos muito antigos que eram donos da terra, aos invasores que aqui chegaram e se perpetuaram por meio da violência, com mão de obra das vidas arrancadas da África. Não é possível deixar de lado os efeitos desses achados no presente, desde os incômodos que eles podem causar às suas potencialidades de evidenciar laços, descendências e memórias adormecidas em mim — enquanto mulher parda com raízes negras e indígenas — e nas famílias de São Braz do Piauí.

Por aqui todo mundo tem “uma vó ou uma bisavó ‘índia’ que foi pega a dente de cachorro” ou “do tempo do cativo”, duas das muitas narrativas que indicam a violação de nossos corpos como histórias de família. Não por acaso, as coisas arqueológicas me levaram a questionar os diferentes passados que estavam sendo trazidos para o presente, como a constituição regional do termo *caboco*, historicamente utilizado para designar os corpos racializados do sertão (Viana, 2018). Nessa conjuntura, os *cabocos* são também aqueles povos que estavam nas serras e vilarejos da região até recentemente, e que deixaram registros de suas cantigas e encantamentos nas memórias da comunidade. Nesse sentido, ressalta-se ainda as menções ao senhor José Higino de Souza, indígena e primeiro professor do município, como personalidade bastante reconhecida na comunidade por alfabetizar e organizar apresentações culturais como a Lapinha e Rodas de São Gonçalo. Em nota, são manifestações culturais locais que envolvem elementos de religiosidades indígenas, africanas e cristãs. Do meu ponto de vista, a permanência dessas memórias no presente, seja em cantigas ou nas narrativas, indica relações de cumplicidade e de resistência que se perpetuam na memória social de São Braz do Piauí.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A constituição desta pesquisa esteve carregada de desejos por colocar em cena as diferentes narrativas a respeito dos patrimônios arqueológicos de São Braz do Piauí, trazendo à tona questões como racismo e a memória esquecida nos corpos mestiços do sertão: a alegria de se admirar e honrar as heranças culturais de populações indígenas e africanas. Assim, pude perceber que as coisas arqueológicas funcionam como ativadoras de memórias silenciadas e invisibilizadas nas dimensões individual e coletiva.

De todo modo, tenho que dizer: não existe nada de bonito em nadar contra as ondas do mar. Confesso que quase não cheguei até aqui, pois diversas vezes achei que não fosse capaz de dar conta de encarar o colonialismo e de me envolver com tantas histórias. Minhas escolhas demandaram rupturas com linhas amarradas nas bases das estruturas do colonialismo. Rasgar os vínculos que provocam a sensação de inércia e aceitação dos seus mecanismos foi e é um movimento de retomada de território, em que é possível denunciar as violências sutis que têm raízes profundas em nossos corpos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à toda a comunidade de São Braz do Piauí pelo acolhimento e envolvimento na realização desta pesquisa. Meus agradecimentos também a todos os colaboradores do Laboratório de Preservação Patrimonial da Univasf. Por fim, estendo minha gratidão às(aos) pareceristas, cujas considerações foram cruciais no amadurecimento de ideias e dos referenciais adotados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- COLLINS, Patricia Hill. Epistemologia feminista negra. In: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSFUGUEL, Ramon. (org.). *Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico*. Belo Horizonte: Autêntica, 2018. p. 139-170.
- EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. *Scripta*, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2009.
- FAVRET-SAADA, Jeanne. “Ser afetado”, de Jeanne Favret-Saada. Tradução Paula Siqueira. *Cadernos de Campo*, n. 13, p. 155-161, 2005. DOI: 10.11606/issn.2316-9133.v13i13p155-161.
- GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. *Tempo Brasileiro*, v. 92, n. 93, p. 69-82, 1988.
- GUIDON, Niède; BUCO, Cristiane; IGNÁCIO, Elaine. *Relatório: cadastro de sítios arqueológicos, 2005: região da Serra da Capivara e Corredor Ecológico: parceria entre IPHAN e FUMDHAM*. São Raimundo Nonato: FUMDHAM; Centro Cultural Sérgio Motta, 2009.
- HARTEMANN, Gabby; MORAES, Irislane P. de. Contar histórias e caminhar com ancestrais: por perspectivas afrocentradas e decoloniais na arqueologia. *Vestígios*, v. 12, n. 2, p. 9-34, 2018. DOI: 10.31239/vtg.v12i2.12196.
- HAMILAKIS, Yannis. Archaeological Ethnography: A Multitemporal Meeting Ground for Archaeology and Anthropology. *Annual Review Anthropology*, v. 40, p. 399-414, 2011. DOI: 10.1146/annurev-anthro-081309-145732.
- HOOKS, bell. *Ensinando a transgredir: educação como prática de liberdade*. São Paulo: Martins Fontes, 2013.
- KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Tradução Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- LUGONES, María. Colonialidad y género. *Tabula Rasa*, n. 9, p. 73-101, 2008. DOI: 10.25058/20112742.340.
- MACÊDO, Géssika Sousa. Retalhos afetivos de tecidos coletivos: vivências de arqueologias decoloniais em São Braz do Piauí. 2021. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Universidade Federal do Vale do São Francisco, São Raimundo Nonato, 2021.
- MAGESTE, Leandro Elias Canaan; AMARAL, Alencar de Miranda. As arqueologias afetivas na produção discente da Universidade Federal do Vale do São Francisco: desdobramentos históricos e interfaces teóricas na construção da arqueologia no Sudeste e Sudoeste do Piauí. *Boletim do Museu Paraense para Emilio Goeldi: Ciências Humanas*, v. 17, n. 2, p. 1-33, 2022. DOI: 10.1590/2178-2547-BGOELDI-2020-0115.
- MAGESTE, Leandro Elias Canaan; MACÊDO, Géssika Sousa; PAES, Evanilza Lopes Castro; SANTOS, Carlos Eduardo Ferreira. As arqueologias de São Braz do Piauí: apontamentos iniciais sobre as narrativas e usos dos bens arqueológicos no presente. *Cadernos do Lepaarq*, v. 17, n. 34, p. 164-182, 2020. DOI: 10.15210/lepaarq.v17i34.19412.
- NOVAES, Luciana de Castro Nunes. Arqueotextura e o esboço de uma antecipação: o princípio simétrico na escrita dos atos, materiais e ambientes. *Revista de Arqueologia Pública*, v. 12, n. 1, 2018. DOI: 10.20396/rap.v12i1.8652675.
- OLIVEIRA, Ana Stela de Negreiros. *O povoamento colonial do sudeste do Piauí: indígenas e colonizadores, conflitos e resistência*. 2007. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007.

- PASSOS, Lara de Paula. *ARQUEOPOESIA: uma proposta feminista afrocentrada para o universo arqueológico*. 2019. Dissertação (Mestrado em Antropologia, com ênfase em Arqueologia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.
- PERUZZO, Círcia M. Krohling. Epistemologia e método da pesquisa-ação: uma aproximação aos movimentos sociais e à comunicação. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 25., 2016, Goiânia. *Anais [...]*. Campinas: Galoá, 2016.
- SANTOS, Fábio Isídoro dos. *Histórias, causas e lugares: um olhar da arqueologia para as narrativas de “alivusias” e dos lugares de memória de Caldeirãozinho, Jurema, Piauí*. 2019. Monografia (Bacharelado em Arqueologia e Preservação Patrimonial) – Universidade Federal do Vale do São Francisco, São Raimundo Nonato, 2019.
- SANTOS, Antônio Bispo. *Colonização, quilombos: modos e significados*. Brasília, DF: INCTI-UnB, 2015.
- SARLENO, Virginia. Pensar la arqueología desde el sur. *Complutum*, v. 23, n. 2, p. 191-203, 2012. DOI: 10.5209/rev_CMPL.2012.v23.n2.40885.
- SPIVAK, Gayatri. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.
- VIANA, Nyanne Magna Ribeiro. *Traquejos e labutas: trabalhadores escravizados no sertão do Piauí (São Raimundo Nonato, segunda metade século XIX)*. 2018. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2018.